

14-10-2020

## Pulsar

### Francine Dias

[Assistente Social. Doutoranda Ensp/Fiocruz]

#### Pulsar

1. *intransitivo: ter pulsação, latejar. repercutir, soando ou ressoando;*

2. *transitivo: fazer soar; ferir, tocar, tanger. movimentar por meio de impulso; impelir, impulsionar. perceber por certos indícios; sentir, pressentir;*

3. *Pulsares são estrelas de nêutrons que, em virtude de seu intenso campo magnético, transformam a energia rotacional em energia eletromagnética. À medida que o pulsar gira, seu intenso campo magnético induz um enorme campo elétrico na sua superfície.*

Porque inacabados, pulsamos. Pulsar me parece sempre *dever*. Ao contrário de nossos desejos, facilmente colonizados numa sociabilidade mercadológica que se alimenta de nossas tristezas e apagamentos, o pulso me parece anteceder-lo.

É uma força insurgente. Ele deseja produzir vida e *diferença*, é criação, é *resistência*. Quantas vezes você se sentiu tomada(o) por uma força de agir em meio a situações difíceis, de profundo desânimo, ausência de potência? Isso acontece porque pulsamos.

Há tentativas diversas de colonizar o pulso.

Às vezes o chamam de qualquer coisa fora do corpo.

Religiões e especialistas têm rótulos diversos.

Mas o pulso é corporal, ele opera no corpo, anima o corpo e nos lança no mundo. Despidos.

O que vem depois são incontáveis tentativas de destruição, *esquadrinhamentos*. Violentas marcações.

Pulsando, Spinoza nos lançou uma questão jamais respondida: *O que pode o corpo? As afecções que aumentam ou diminuem a nossa potência de agir produzem intensidades na pulsação. Afetam nossa frequência. Mas o corpo segue, enquanto animado pelo sopro da vida, a pulsar. E esse pulso quer operar contra a negação de si, contra a negação do corpo, contra a negação da experiência*, esse modo singular de afecção que, como nos lembrou Larrosa, nos faz tremer. E o corpo treme. Transborda. Se desdobra.

Se desterritorializa. Nosso corpo produz *deslimites*, essa coisa potente que Manoel nos provoca com poesia. Tudo isso, mais que isso, porque nosso corpo pulsa. As capturas cotidianas não operam somente em nossos desejos. Elas também invadem pensamentos.

E porque nos alcança o pensar, nos amarra o fazer. Assim, vamos produzindo repetições, movimentos sem sentido, na escola, na fábrica, na universidade, no trabalho. E na repetição nos perdemos de si.

E do outro. A quem interessa tais amarras?

Como desfiá-las? É preciso abrir o corpo, fissurar o concreto que nos petrifica, produzir desvio do *mesmal*, como o poeta nos ensinou.

Desviar de qualquer coisa que nos opaca a singularidade da existência. Reconhecer cada encontro e sua capacidade de nos afetar.

Pulsamos porque não estamos sós. Pulsamos porque no outro percebemos-nos inacabados. Por isso, nos agenciamos. Forças plurais. Potências para a criação do porvir. Parir outro mundo. Dissecar opressões, recusá-las. Recusar a gestão da vida e dos corpos.

Dos desejos. Dos medos. Da dor. Da tristeza.

Porque quem governa precisa de corpos tristes, medrosos. Por isso o sofrimento também é produzido por uma maquinaria. E é por isso que a mesma maquinaria finge vender alegria. É preciso subverter essas forças. A subversão não será encarnada no sujeito livre, independente, autônomo e resiliente da lógica neoliberal. Não se trata de superação.

A palavra do apagamento e da *docilização*.

Porque necessitamos romper amarras micro e macropolíticas, a transformação se faz em agenciamento de diferenças. Múltiplas singularidades a produzir *em comum*. É aí que reside a força do pulsar. Forças criadoras germinam em *interdependência*. O pulso é insubordinado.

Ele permanece ativo, ainda que os modos como corpos são governados tentem, muitas vezes com êxito, nos afastar da sua vibração. É preciso produzir, resgatar, inventar forças outras. Deixar pulsar diferenças, feridas, rupturas. Rasgar a carne adestrada, impedida, rotulada. Quebrar réguas.

*A régua é existidura de limite*. Como as arraias do *Agroval* de Manoel, inaugurar outro universo, corromper, irromper, irrigar, e recompor a natureza, ainda que tenhamos que lidar com a *avidez do obscuro que nos estorva*. Sobretudo, porque precisamos iluminar outros possíveis, outramentos.

E pulsar, a contragosto dos fascistas, do Estado, do capital. Apesar da fumaça que nos sufoca, da comida que nos envenena, da água que nos intoxica.

Transmutar. Insurgir. *É preciso transver o mundo*.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.